

ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO UTILIZADO POR EDMUND HUSSERL E MAURICE MERLEAU-PONTY¹

Evandro Jair Duarte

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bibliotecário na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. E-mail: dujaev@gmail.com

Clarice Fortkamp Caldin

Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: claricefaldin@hotmail.com

RESUMO

O objetivo é apresentar o método fenomenológico e sua aplicabilidade na Ciência da Informação por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Neste artigo, elegemos a Filosofia como ciência relacionada e a fenomenologia como abordagem válida em estudos realizados por cientistas da informação. A filosofia sempre se preocupou com o saber mais amplo possível em favor da humanidade. A fenomenologia, a seu turno, ocupa-se com: as essências, o caráter intencional da consciência, os objetos como coisas tanto reais quanto ideais, a percepção que cada um tem de suas experiências. Em Husserl encontramos uma filosofia que objetiva a clarificação da intuição para a tentativa do compreender a apreensão do sentido e transformação em dado absoluto a ser utilizado no método. E como a percepção necessita dos sentidos humanos, buscamos Merleau-Ponty que entende o corpo como o meio para conduzir os efeitos dos sentimentos e das sensações percebidas pela experiência. Por meio da abordagem fenomenológica descrevemos a realidade dos sujeitos pesquisados; por intermédio dos sentidos dados por eles ao que vivem e percebem no mundo e do mundo, é gerada uma forma de expressão relacionada às coisas. Lembramos que o método fenomenológico consiste na observação e descrição do fenômeno no campo da experiência e como ele é oferecido à consciência humana. Tal metodologia trouxe impacto para as ciências sociais, pois aceita a subjetividade como uma das possibilidades de análise, reflexão e questionamentos.

Palavras-chave: Fenomenologia. Ciência da Informação. Método fenomenológico. Edmund Husserl. Maurice Merleau-Ponty.

PHENOMENOLOGICAL APPROACH IN INFORMATION SCIENCE: reflections on the method used by Edmund Husserl and Maurice Merleau-Ponty

¹ Texto baseado na Dissertação para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC).

ABSTRACT

The objective is to present the phenomenological method and its applicability in Information Science through a qualitative and bibliographical research. In this article, we choose Philosophy as related science and phenomenology as a valid approach in studies carried out by information scientists. Philosophy has always been concerned with the widest possible knowledge in favor of humanity. Phenomenology, in turn, deals with the essences, the intentional character of the consciousness, the objects as both real and ideal, the perception each has of their experiences. In Husserl we find a philosophy that aims at the clarification of intuition for the attempt to understand the apprehension of meaning and transformation into absolute data to be used in the method. Perception needs the human senses, we seek Merleau-Ponty who understands the body as the means to conduct the effects of feelings and sensations perceived by experience. Through the phenomenological approach we describe the reality of the subjects studied; through the meanings given by them to what they live and perceive in the world and the world, a form of expression related to things is generated. We recall that the phenomenological method consists in the observation and description of the phenomenon in the field of experience and how it is offered to human consciousness. Such methodology has had an impact on the social sciences, since it accepts subjectivity as one of the possibilities of analysis, reflection and questioning.

Keywords: Phenomenology. Information Science. Phenomenological method. Edmund Husserl. Maurice Merleau-Ponty.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Podemos dizer que a pesquisa científica precisa de planejamento e execução com base em conceitos e teorias que a suportem e amparem. A Ciência da Informação (CI) não foge a essa regra. Como ciência social e aplicada vale-se de um alicerce conceitual e teórico com o intuito de embasar perfeitamente as práticas, visando o bem da sociedade por meio do desenvolvimento científico.

No entanto, cabe lembrar o que Boroko (1968) alertava sobre o fato de que o conhecimento acumulado e transmitido rapidamente torna-se defasado em virtude da tecnologia e novas demandas sociais. Percebemos que ao fazer ciência é preciso traçar um plano, executá-lo com embasamentos que o sustentem. Todavia, não podemos demorar

em divulgar os conhecimentos adquiridos e as descobertas feitas, pois a velocidade do que se gera na atualidade exige urgência na sua disseminação, a fim de que os resultados não sejam ultrapassados.

Cientes de que os trabalhos científicos não podem ficar espartilhados a determinados procedimentos e restritos a somente uma área do conhecimento, elegemos a Filosofia como ciência relacionada à CI, e a fenomenologia como abordagem válida em estudos realizados por cientistas da informação.

A filosofia sempre se preocupou com o saber mais amplo possível em favor da humanidade. A fenomenologia, a seu turno, ocupa-se com: as essências, o caráter intencional da consciência, os objetos como coisas tanto reais quanto ideais, a percepção que cada um tem de suas experiências.

Cabe lembrar que o termo fenomenologia foi utilizado pela primeira vez por J. H. Lambert em 1764, com o sentido de estudar as fontes de erro; outros pensadores atribuíram diferentes significados à fenomenologia, por vezes associada à psicologia, mas com Husserl, em 1900, solidificou-se a noção de fenômeno como o que se manifesta em si mesmo e a fenomenologia como uma ciência eidética (ABBAGNANO, 2003).

A fenomenologia é uma ciência rigorosa e específica, ela deixa a essência do objeto aparecer por meio da descrição feita pelo indivíduo e tem forte ligação com o mundo e a experiência dos vividos. Na etimologia da palavra fenomenologia, Abbagnano (2003) e Dartigues (2005) informam que se trata de um “estudo” ou uma “ciência”, que se volta para o fenômeno.

O fenômeno é a coisa que se mostra, se revela, se manifesta ao ser humano (ABBAGNANO, 2003; CARMO, 2011). Embora objeto, não existe em si, está sempre atrelado à consciência humana, se entranha no pensamento racional e, por sua vez, essa racionalidade se expõe ao mundo vivido por meio do próprio fenômeno. Ele não é algo que se constrói, mas está acessível a todos, da mesma forma que o pensamento racional também o é. Assim, é possível ter a fenomenologia como ciência rigorosa, como idealizada e concebida por Husserl.

Partindo das investigações husserlianas, chegaremos a Merleau-Ponty, filósofo que se debruçou sobre a fenomenologia. Em seus estudos, ele leva a fenomenologia para a dimensão da percepção e das vivências dos sujeitos que estão no mundo, da experiência

humana que vive e pensa, da corporeidade do sujeito pensante e atuante no mundo da vida.

A seguir, abordaremos o método fenomenológico, o que implica dissertar sobre a noção de percepção, intencionalidade, memória, temporalidade e linguagem. O objetivo do artigo é apresentar o método fenomenológico e sua aplicabilidade na Ciência da Informação por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Finalizamos o artigo com considerações finais, apontando a importância da abordagem fenomenológica na Ciência da Informação.

2 FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL

Fenomenologia é um termo empregado por Husserl (2000, p. 35) para a “[...] análise de tudo o que se dá em si mesmo (*Selbstgegebenheit*) [...]”. Este filósofo diz que a experiência oferece condições para a inferência de variáveis para representar o conhecimento do sujeito que vive a experiência, o que se entende como sendo o conhecimento psíquico. Na vivência do indivíduo há a existência da própria vivência e o que ela conhece; para o filósofo em questão, a vivência pode ser o objeto do ver e do captar, sendo um dado absoluto, quando ela é dada como “coisa”, tudo o que é ou objeto, ou seja, um “isto-aqui” (HUSSERL, 2000).

A fenomenologia é ministrada por Husserl ([19--]) como uma filosofia voltada para o sujeito e ele manifesta seu ponto de vista de “[...] que a fenomenologia nascente se transformou num tipo novo de filosofia transcendental” (HUSSERL, [19--], p. 9).

Dessa proposição, Husserl ([19--]) exorta aos seus ouvintes, em um evento realizado na França, para a atenção à verdadeira filosofia, que liberta o filósofo de preconceitos e em busca de tornar essa área do conhecimento uma ciência autônoma e que se realiza em evidências e extrações diretas do sujeito para a justificativa da filosofia.

No exercício filosófico de voltar-se para o sujeito, Husserl ([19--]) menciona a extração de evidências diretamente de pessoas, o que remete à experiência como um resultado da vivência dos sujeitos. Este processo leva à existência humana como a portadora dos sentidos das coisas e da própria existência.

A apresentação filosófica se trata do estudo da vida da experiência e do sentido em que há possibilidade de entrar no sentido novo e profundo: “[...] o retorno ao eu das

cogitationes puras” (HUSSERL, [19--], p. 11, grifo do autor), relacionando o *cogitatio* ao pensamento, à imaginação e à reflexão humana.

Em *A ideia da fenomenologia*, Husserl (2000, p. 21) apresenta um encadeamento das ideias e entre elas “As perplexidades em que se enreda a reflexão sobre a possibilidade de um conhecimento atinente às próprias coisas”.

Desta decorrência, podemos observar um caminho para os estudos fenomenológicos na área da CI e o entremear das ideias provenientes da área Filosofia e corroborando com pesquisas na Ciência da Informação. Esta possibilidade de aproximação teórica permite que o pesquisador aplique o método fenomenológico em suas investigações científicas, com observância do objeto encontrando respostas provenientes do objeto, surgindo dele as respostas que se busca - respostas provenientes da experimentação, observância e reflexão do que foi encontrado.

Husserl (2000, p. 23, grifo do autor) propõe uma visada para a vivência “[...] enquanto se experimenta e sobre ela simplesmente se reflecte; o aprender e o ter intuitivos e directos da *cogitatio* são já um conhecer; as *cogitationes* são os primeiros dados absolutos”.

De fato, Husserl traz à discussão a necessidade de olhar para um objeto e ter a “percepção original” dele, como uma constituinte do seu “conhecimento fundamental” (DARTIGUES, 2005, p. 15). Admite, então, uma visada sem conceituação, uma visada de como o objeto é percebido, como ele é para cada ser no mundo. Nesse sentido, Flusser (1998, p. 19) utilizou-se das ideias da fenomenologia de Husserl ao afirmar que “[...] a vida cotidiana é ingênua [...]”, que primeiramente todos nós agimos “como se não soubéssemos” de alguma coisa e, a partir dessa perspectiva, passamos a conhecer o que está no mundo.

A fenomenologia apresentada por Husserl (2000) é uma ciência dos fenômenos puros, do conhecimento como sendo a doutrina que tem a essência dos fenômenos cognitivos.

Em síntese, o que encontramos em Husserl (2000) foi uma filosofia que objetiva a clarificação da intuição para a tentativa de compreender a apreensão do sentido e transformação em dado absoluto a ser utilizado no método. Em sua apresentação de fenomenologia, o fenômeno é tudo aquilo que aparece, trata-se do que é apresentado e se considera as coisas que estão no mundo como sendo dadas, reveladas; Husserl (2000, p.

32, grifo do autor) complementa ao afirmar que “O <<estar dado das coisas>> é exhibir-se (ser representada) de tal e tal modo em tais fenómenos”.

Na concepção de Husserl (2000) a consciência é intencional, assim a intencionalidade pode ser entendida como o que a mente conhece e registrou como característica da experiência de vida. É a consciência que o indivíduo tem das próprias experiências já vividas e dele mesmo, e quando retorna ao que foi experienciado por ele, os objetos intencionais aparecem em sua consciência. Assim, os pensamentos, as crenças, entre outros, são relacionados com algo ou alguma coisa, da mesma forma quando o indivíduo se expressa e se comunica, pois ele utiliza-se da linguagem para isso e as palavras por ele utilizadas manifestam suas crenças, pensamentos, etc. Isso é intencionalidade - a compreensão e percepção de mundo, quando do entendimento, da interpretação e do uso da linguagem para se comunicar. Moura (1998, p. 215, grifo do autor) lembra que “[...] todos os conteúdos da experiência ‘representam’ alguma coisa, reenviam compreensivamente a outra coisa que a si mesmos – o que desde 1894, como se sabe, era a definição mesma da intencionalidade”.

Cesar (2012, p. 49, grifo do autor) informa que em Husserl a intencionalidade “[...] ‘é aquilo que caracteriza a consciência’, quando considerada na relação com as experiências vividas”. Quando o indivíduo faz referência ao objeto ou alguém que é pensado ou “representado” na consciência, é uma revelação para a mente.

Temos em Husserl os elementos fenomenológicos que são provenientes de tudo o que o objeto pode se dá por si só. Para a representação do conhecimento de um sujeito por meio da fenomenologia, precisamos verificar *in loco* a experiência do contato do sujeito com o objeto e da observação desse processo; devemos realizar o procedimento de descrever esta experiencição, somadas às inferências realizadas por quem a descreve e vive. Da vivência surgem os dados vistos, percebidos e captados. Trata-se da fenomenologia que se volta ao sujeito e da manifestação do ponto de vista naquele momento e naquela vivência. É a existência do Ser como portador de sentidos dados aos objetos ou coisas e que retorna ao sujeito um sentido de sua própria existência. Entram no jogo fenomenológico o pensamento, a imaginação e a reflexão humana, no exercício de buscar conhecimento naquilo que se observa - a própria coisa. Dessa visada é que podemos obter as percepções na busca por conhecer e perceber o mundo e as coisas nele existentes.

Husserl nos faz filosofar para intuir, como um exercício para perceber e apreender os sentidos dos dados observados e analisados. Como este filósofo nos explica, o fenômeno é tudo aquilo que irá aparecer para nós, ele se apresenta e se dá a nós mesmos. Ele nos leva a pensar na consciência humana e sua intencionalidade. Pois a experiência vivida necessita reativar na memória do Ser aquilo que já viveu, experienciou, conheceu e registrou como algo vivido e experienciado. Daí se concebe a intencionalidade, que busca nesses registros tudo o que já experienciou para fazer as conexões necessárias para compreender e perceber o seu mundo e o mundo do outro, como representação dos conteúdos vividos revelados pela mente em momento oportuno.

3 FENOMENOLOGIA DE MAURICE MERLEAU-PONTY

Segundo Merleau-Ponty (2011, p. 2) a fenomenologia é uma filosofia da “[...] tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é [...]”. Em sua obra intitulada a Fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty (2011) detalha: ela é “o estudo das essências”, assim como é uma tentativa de compreender o homem e o mundo habitado por ele a partir da sua existência. De acordo com o filósofo, o mundo está “ali”, ele é dado como ele realmente é; o fazer fenomenológico está no perceber e descrever, com o olhar original, com a ingenuidade distante da reflexão, teoria ou qualquer explicação. Quando o indivíduo coloca em suspenso as suas crenças para deixar aparecer o que o objeto é na experiência com o mundo vivido, ele pode descrever essa experiência como ela é, sem inferir nada ou qualquer consideração a ser feita, apenas a descreve (MERLEAU-PONTY, 2011).

O complexo nesse tipo de trabalho é que a percepção traz consigo objetos e para cada objeto há uma essência, assim como as qualidades atribuídas a ele. A essência é apresentada como sendo o ser da coisa ou da qualidade, com a existência de uma série de variáveis produzíveis por pessoas, de acordo com os vários objetos que são dados por meio da percepção, da memória e da imaginação (DARTIGUES, 2005).

Para essa execução, a fenomenologia se utiliza de uma ação do homem que é necessária: perceber. E para perceber é fundamental analisar, com um olhar observador para as coisas dadas e dadas em sua multiplicidade. Pois o jogo filosófico de ver o que está presente – aquilo que se dá por aparecimento - necessita de seu reverso, o investigar do que está ausente – aquilo que não nos aparece. “Como cada um percebe de um jeito, parece

que a realidade pode ser múltipla, relativa. Mas há um mundo comum, apesar dos muitos mundos de cada um” (JOSGRILBERG, 2004, p. 50).

Matthews (2010) entende que Merleau-Ponty defende a fenomenologia como a oportunidade de perceber as “coisas” como elas são em sua essência primeira, como elas surgem e aparecem no mundo, como elas são dadas aos que estão no mundo, sem conceitos previamente estabelecidos. É digno de nota destacar que o filósofo francês está preocupado em conduzir os indivíduos ao exercício fenomenológico de reaprender a olhar o mundo em que se vive; uma prática que permite mudar a maneira como veem o mundo, por meio de perspectivas e perfis diferentes.

Como a percepção necessita dos sentidos humanos, em Merleau-Ponty emprega-se o corpo como o meio para conduzir os efeitos dos sentimentos e das sensações percebidas pela experiência, fato este a ser comprovado quando ele afirma que “[...] a percepção influi nas relações entre mim, enquanto tenho um corpo, e o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 291).

Cumprе ressaltar que enquanto Husserl se debruça sobre o pensamento e as ideias, Merleau-Ponty trata o corpo como mediador das ideias e sensações sentidas por essa corporeidade.²

De fato, Merleau-Ponty (2011), trata do como as coisas se apresentam a nós - no contexto da experiência. O humano vive e experencia a maneira como as coisas se dão a ele no instante da vivência, como elas surgem e se apresentam durante o processo dessa experiência ou por meio dessa experiência – é isso o que encontramos o cerne da fenomenologia.

Diante dessas informações, podemos perceber que a fenomenologia nos permite estudar as vivências humanas com observância às experiências individuais ou de grupos, em uma investigação voltada para *as aparições das coisas* aos indivíduos e suas experiências com o aparecimento. Ela é um estudo dos acontecimentos na vida do homem e da descrição desses ocorridos, nela a coisa apenas se mostra ou surge da experiência.

² Cabe, aqui, uma explicação: o primeiro Husserl (assim chamado pelos seus escritos e ideias iniciais) admitia só a consciência; já no segundo Husserl (quando modificou um pouco seus conceitos) pode ser encontrado a admissão do corpo, conforme o excerto a seguir: “Conhecemos os homens mediante a expressão na sua corporalidade [...]” (HUSSERL, 2000, p. 133).

Quando partimos da premissa de que o retorno às coisas mesmas é o mesmo que dizer: retorno ao mundo antes do conhecimento tem, dessa maneira, o mundo real, ele está ali e nos é “dado”, antes mesmo de nós realizarmos qualquer tipo de análise, pronto para nós procedermos com a descrição da experiência do mundo de igual forma como ele é. Temos aí o mundo como um campo natural dos pensamentos e das percepções humanas a serem explicitadas (MERLEAU-PONTY, 2011).

Nesse sentido é que se pode fazer a relação entre fenomenologia e estética filosófica, quando o filósofo afirma que “[...] na percepção meu corpo representa o papel de mediador absoluto [...]” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 291). No corpo se tem condições de perceber as “coisas mesmas” por meio das sensações que tocam o indivíduo. A estética está no âmbito da percepção, no poder de perceber está o sensível, ou seja, para Merleau-Ponty “[...] a experiência sensível é a base de toda experiência estética e a condição da própria experiência artística” (VALVERDE, 2008, p. 168).

Diante do exposto, pode-se mencionar que o profissional da informação ao se deparar com os argumentos da estética integra às suas competências, habilidades e atitudes, uma dimensão em que há a necessidade de envolvimento com o interagente - este ator da sociedade que se encontra no fim da execução das atividades dos cientistas da informação.

4 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Fenomenologia pode ser vista como filosofia e método. Como método, se preocupa em responder perguntas que são internas ao processo; realiza uma busca pelo significado fundamental do que se faz e se preocupa com o sentido, a forma de expressão dos indivíduos em relação às coisas (JOSGRILBERG, 2004).

Sobre o “retorno às coisas mesmas” e o método fenomenológico:

Foi justamente Husserl quem percebeu que os processos naturais sempre respondiam umas coisas pelas outras, e nunca iam às coisas mesmas. Teorias, opiniões, hipóteses, sistemas, etc. encobrem a possibilidade de uma abordagem direta daquilo que nos é dado. A fenomenologia propõe um método que não vai explicar as coisas por causa e efeito, mas por elas mesmas, ou seja, ver o significado das coisas tal qual elas se manifestam e pesquisar esse significado. Assim, o ‘ver’ é uma experiência humana com um significado humano que não precisa da ciência natural para explicá-lo. Ver é uma coisa importante para a vida e experiência de todos

e podemos explicá-lo sem recorrer a qualquer outra coisa. Posso pesquisar então qual é o sentido de ver. O que é o olhar? Não se trata apenas do processo fisiológico, no olhar se tem o ato humano. Nossa busca de ver melhor pode ser pesquisada no significado mesmo de ver e não ser sempre explicado pelas ciências naturais (JOSGRILBERG, 2004, p. 42-43, grifo do autor).

Enquanto método, não se trata de seguir o da dúvida, mas de se colocar a existência em suspensão e pensar sobre ela. Husserl ([19--], p. 11-12) se atém a explicação de que “Se se aplicar este método à incerteza da experiência sensível, na qual o mundo nos é dado na vida corrente, ela não resiste de modo nenhum à crítica. É necessário, portanto, que neste estágio de início a existência do mundo seja posta em suspenso”. Observar e descrever o fenômeno no campo da experiência e como ele é oferecido à consciência humana.

Sobre o método fenomenológico do filósofo citado, Cotrim (2006, p. 199, grifo do autor) se atribui a seguinte descrição:

O método fenomenológico consiste, basicamente, na observação e descrição rigorosa do fenômeno, isto é, daquilo que se manifesta, aparece ou se oferece aos sentidos ou à consciência. Dessa maneira, busca-se analisar como se forma, para nós, o campo de nossa experiência, sem que o sujeito ofereça resistência ao fenômeno estudado nem se desvie dele. O sujeito deve, portanto, orientar-se para o fenômeno. Sua consciência será sempre consciência de alguma coisa. A fenomenologia se apresenta como a investigação das experiências conscientes (fenômenos), isto é, ‘o mundo da vida’, que Husserl denomina com o termo *Lebenswelt*.

O fenômeno aparece do resultado de observação, em que a percepção é fundamental para a descrição do método, um processo que representa o objeto estudado como ele é dado, sem preocupação com definição e conceituação do fato experienciado. O manifestado e oferecido aos sentidos humanos é a consciência que o indivíduo tem, de acordo com o relato de Husserl (2000), consciência de alguma coisa no mundo da vida do ser humano, aquilo que é imanente, ou seja, que está em mim, está em você, está em nós.

Com base na filosofia, o método fenomenológico tem como dados o que está na consciência e é trazido até nós como algo apresentado, Husserl (2000, p. 79) explicita o método fenomenológico da seguinte forma: “Com efeito, o seu carácter peculiar é ser análise de essências e investigação de essências no âmbito da autopresentação absoluta”.

Analizamos o que está e o que não está presente na evidência do objeto para fundamentar o dado em fenomenologia, assim é necessário destacar o “dar-se” em seus diferentes modos de apresentação. No método da fenomenologia, seguimos “clarificando” o que vemos. Para tal procedimento é necessário determinar e distinguir o sentido; dessa forma, podemos realizar comparações, distinções, enlaces, relações, repartir e separar os momentos que precisam ficar em evidência. Lembramos que não procedemos com cálculos e métricas, apenas vemos, observamos, percebemos e descrevemos. Não explicamos ou teorizamos sobre os objetos (HUSSERL, 2000).

Um dos verbos que nos deparamos com mais frequência no estudo da fenomenologia foi o *descrever*. Assim, importa refletir acerca dessa tarefa fenomenológica. Segundo Merleau-Ponty (2011) a fenomenologia *descreve as aparições* sim, mas Dartigues (2005, p. 11) afirma que “[...] não basta descrever um objeto, qualquer que seja de um ponto de vista o interesse de sua descrição, para adornar essa descrição com o título de ‘fenomenologia’”. É fundamental conhecer o método fenomenológico. Este, segundo Cotrim (2006, p. 199), consiste “[...] na observação e descrição rigorosa do fenômeno, isto é, daquilo que se manifesta, aparece ou se oferece aos sentidos ou à consciência”.

O verbo descrever é estritamente fenomenológico; essa afirmativa comprova-se com Edmund Husserl, pois segundo ele a fenomenologia é “a *ciência descritiva* das essências da consciência e de seus atos” (DARTIGUES, 2005, p. 24, grifo nosso). Ela descreve os fenômenos para tornar evidente a coisa descrita como ela é, assim como para deixar a “coisa” surgir como ela é vista em sua primeira visada de consciência, como ela é percebida em um primeiro contato, como ela é dada, sem conceito ou sem análise prévia.

Sokolowski (2012) resgata que o método fenomenológico de evidenciar “o modo como as coisas são” possibilita a descoberta de objetos, no entanto, permite ao mesmo tempo em que se descobre objetos, a descoberta de quem somos, refere-se ao “eu” enquanto o receptor da revelação dos objetos aparentes. Dessa feita, o indivíduo pode perceber objetos e se perceber interagindo com o seu meio de contexto e o objeto. Assim o indivíduo se compreende no mundo em relação com os objetos, um trabalho de “autodescoberta da razão na presença de objetos inteligíveis” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 12).

Na percepção, o indivíduo que pensa e vive a experiência de perceber tem o seu “eu” relacionado com a vivência do ser vivente, é um estado e ato dele representado no

vivido. O que a pessoa vive, sente e percebe é o conteúdo sensitivo dado a essa pessoa, o fato psicológico é do eu vivente que está no mundo e em seu tempo (HUSSERL, 2000). Cotrim (2006, p. 199) explica que “Conforme analisou o filósofo francês Merleau-Ponty, Husserl tentou a ‘reabilitação ontológica do sensível’. Isso significou, na história da filosofia, uma volta às próprias coisas, das quais o sujeito tinha se afastado”.

Analisando a aplicabilidade da filosofia na CI, encontramos nas palavras de Alexandre (2009, p. 26), um caminho em que a fenomenologia “[...] apresenta uma contribuição particular à educação de resistência aos processos autoritários e disciplinadores [...]” e se configura como uma fonte metodológica orientada para o estudo das experiências particulares de ensino e aprendizagem. Nessas experiências, mesmo a tentativa e o fracasso são examinados detidamente, pois o educador se preocupa com cada educando, visto como um ser único, sujeito de suas vivências, e sempre à procura de conhecimento (ALEXANDRE, 2009).

Os cientistas da informação podem sentir-se confortáveis no uso de tal metodologia, pois isso implica em cuidar de cada discente na sua particularidade, desde aspectos de cunho, pessoal e social quanto aspectos voltados para o conteúdo das disciplinas que ministram, visando, sobretudo, formar conhecimento.

Demo (2009, p. 250) considera a fenomenologia uma entre outras metodologias alternativas nas ciências sociais. Segundo ele, a fenomenologia “[...] entre outras pretensões, é uma postura que prima pela modéstia do respeito à realidade social, sempre mais abundante que os esquemas de captação [...]” pois “[...] em vez de partir de métodos prévios, dentro dos quais se ensaca a realidade, faz o caminho contrário [...]” uma vez que antes de tudo tenta “[...] compreender a realidade social em sua intimidade, que reconhece como algo existencial irreduzível à realidade natural [...]”, para depois seguir “[...] a consciência crítica de que os métodos usuais de captação são pobres e empobrecem a realidade captadas”. Explicita que muito embora a fenomenologia foque no cotidiano, o mesmo não é isento de exame; as “[...] referências ao ‘mundo do cotidiano’ devem ser tratadas como indícios da necessidade de se focalizar e estudar suposições e áreas de potencial de investigação social, que vêm sendo negligenciadas pela sociologia” (DEMO, 2009, p. 251, grifo do autor).

Ousamos afirmar que assim como a sociologia, a Ciência da Informação pode se beneficiar dessa característica marcante do método fenomenológico, pois não se prende às

amarras do convencional e examina todas as possibilidades de compreender o real que não seja apenas a objetividade, pois somos seres pensantes, reflexivos, inseridos no mundo da vida onde predominam paixões e emoções, muitas das quais movem o interesse do pesquisador pelo tema a ser estudado.

É pertinente a observação de Castro (2006, p. 106, 107), que “os pesquisadores são de carne e osso, têm seus interesses e um repertório de ferramentas de trabalho com as quais se sentem mais à vontade”, e “há sempre a opção de usar métodos com os quais se tem mais familiaridade e nos quais se confia”; temos a liberdade de escolher os temas de nossas pesquisas [...] podemos escolher temas relevantes que permitam ser tratados pelas ferramentas que conhecemos”, mas “se nos apaixonamos por um tema, quase sempre há um método para tratá-lo que é amplamente melhor”.

Isso significa sair da zona de conforto, buscar outras alternativas metodológicas para o enfrentamento do problema a ser estudado, dissecado – e uma possibilidade pode ser o método fenomenológico.

Lembramos que na fenomenologia há um termo denominado intencionalidade, o qual tem relação com um objeto que é intencionado. Quando intencionamos o que não nos é revelado, pode-se chamar de intenção vazia, assim como, também, ao intencionar o que se revela ou aquilo que surge, o que aparece no momento em que experienciamos algo, chamamos de intenção cheia. O ato de consciência que o indivíduo tem de suas experiências é algo intencional. Este conceito fenomenológico de intencionalidade está ligado à teoria de conhecimento. A intenção aqui é associada a uma implicação, ela é mental ou cognitiva (SOKOLOWSKI, 2012).

Do cotidiano se extrai o conhecimento inicial para a primeira ciência do homem, que pela subjetividade ele se volta para a ideia da intencionalidade, ou seja, quando a consciência ou subjetividade humana tem a relação com algo. Uma estrutura intencional da consciência em que a subjetividade se relaciona com alguma coisa (JOSGRILBERG, 2004).

Com respeito à relação que se tem da consciência com os objetos intencionais, Matthews (2010, p. 16) informa que a fenomenologia é isso, “[...] o estudo de como os objetos intencionais aparecem à consciência [...]” do indivíduo.

A esse respeito Sokolowski (2012, p. 18) enfatiza que se trata da “[...] relação de consciência que nós temos com um objeto”, uma relação ainda não revelada, essa é a

determinação do que é intencionalidade, ela tem como princípio, segundo ideias de Husserl e Merleau-Ponty que são analisadas por Dartigues (2005). Esse autor destaca a ideia de Husserl a respeito da intencionalidade: a consciência é sempre a “[...] ‘consciência de alguma coisa’, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de intento). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito” Dartigues (2005, p. 22). E nos lembra de que se trata da intenção do homem, pois “[...] é exatamente o humano em sua essência que a fenomenologia procura perceber” (DARTIQUES, 2005, p. 49).

Dufrenne (2008) menciona Husserl ao esclarecer que para o filósofo da fenomenologia a noção de intencionalidade é o centro da reflexão filosófica. Pela intencionalidade é que o problema de relação objeto-sujeito é renovado. Sokolowski (2012) relembra Husserl e Merleau-Ponty, quando associa a consciência de que o sujeito e sua relação com o objeto é a intencionalidade, consciência essa “de” algo ou de outrem; o que pode levar o indivíduo a pensar que ele não está preso a estados mentais e cerebrais internos, a representação do lado de “fora” de suas ideias ou de suas consciências quebra a tradição cartesiana de que o homem está em sua mente como em uma caixa fechada e leva-o para além dele mesmo e de sua subjetividade.

Trazer algo para fora é externalizar esse algo. Essa atitude, na fenomenologia, tem a ligação com tornar público, ter a ideação de que “tudo é externo”, de que a “mente é coisa pública, que ela age e manifesta a si mesma publicamente, não apenas dentro de seus próprios limites” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 20-21).

A reflexão aqui está em fazer esclarecer que há uma correlação entre o mundo e a mente, em que as coisas do mundo são aparentes, elas são visíveis. Ao mesmo tempo em que as coisas são descobertas, elas são percebidas e reveladas a outros, essas coisas podem ser percebidas como elas realmente são. Isso é pensar e agir fenomenologicamente (SOKOLOWSKI, 2012, p. 21).

Na intencionalidade está a intenção do ser, que se revela. Dessa feita, posso afirmar que ela é, então, uma revelação, ao mesmo tempo em que suscita o sujeito e, por conseguinte, o objeto revelado (DUFRENNE, 2008).

Com a atitude fenomenológica podemos tornar público, explicitando o que está em nossa mente e queremos descrever o que está registrado na memória de nossas experiências vividas. Assim, a memória tem a função de operar com a retenção de dados,

para poder interligar os conteúdos das vivências do indivíduo, uma memória do processo de desenvolvimento da vida vivida. Esse movimento de retenção da memória, na medida em que se vive e experiencia, é um processo contínuo e aberto para novas configurações e associações possam acontecer (OSTROWER, 2010).

Na fenomenologia, o homem tem a possibilidade de interligar o ontem ao amanhã e atravessar o presente. O momento em que ele vive é o instante atual, que ele pode compreender como sendo uma extensão não acabada do passado recente, este tempo pretérito toca o futuro e faz um recuo, o que já o caracterizou como um passado. A vivência que os indivíduos têm, contribui para que ele possa reter momentos e guardar na memória para o uso no futuro. Desta feita, o passado perpassa o presente e toca o futuro, o homem pode adotar novos critérios para adequação a experiência do passado, que retida na memória, pode ser lembrada na formulação do que deve ser feito no presente ou futuro (OSTROWER, 2010).

Por memória pode ser declarada a capacidade que o homem tem de retenção para evocar o passado quando no tempo presente é necessário lembrar. Enquanto lembrança está a lembrança de algo do passado para utilizar em uma situação presente. Nesse processo, o recordar é o esforço mental (CHAUÍ, 2000).

Ao adaptar, para a Ciência da Informação, o pensamento filosófico de Merleau-Ponty (2011) acerca das essências, ousamos afirmar que o trabalho de interrogar sobre a essência do fato bibliotecário é se referir à prática dos bibliotecários. O objeto é o bibliotecário em seu momento de experiência com a prática profissional e os recursos da informação, e a essência é a Dimensão Estética da Competência Informacional desse ator social. O mesmo se pode dizer a respeito das práticas e recursos informacionais do arquivista, cientista da informação, museólogo, documentalista e cientista social.

Investigar o objeto por meio da Fenomenologia e ver o fenômeno “aparecer” ou “surgir” é tarefa complexa, pois a descrição dos fenômenos, como eles são exatamente, é uma ação em que ao ser animado pela intenção, eles podem ser descritos para ser compreendidos. O que precisa ser revelado nesta pesquisa está na subjetividade das pessoas entrevistadas e também na subjetividade do pesquisador.

Moura (1998, p. 201-202) revela que “O verdadeiro ‘subjetivo’ não é o ‘psíquico’, mas sim os múltiplos ‘modos de doação’ que permeiam a experiência de todo objeto”. Na subjetividade do homem é que as ideias aparecem como representações de suas

experiências de vida, assim “[...] ter experiência de um objeto significa que este nos aparece subjetivamente em modos de aparecer variáveis” (MOURA, 1998, p. 205).

Essa aparição subjetiva é representada no revelar da consciência, é algo que está no pensamento humano e como um “elemento do subjetivo” cita-se a linguagem, diz Moura (1998). Ela é a forma de comunicação que os homens utilizam na sua relação com o convívio da vida social, com os outros, da vida política, com o pensamento e com as artes. A linguagem possibilita a criação, interpretação e o decifrar de significações (CHAUÍ, 2000).

A noção de significação é o mesmo que de subjetivo, para o indivíduo ter acesso à realidade, Husserl diz que “[...] qualquer expressão só pode referir-se a um objeto na medida em que ela o exprime em um certo modo. Se um objeto deve ser significado, ele precisa ser significado em um certo modo [...]” (MOURA, 1998, p. 208). Significado este que precisa mediar a relação entre palavras e coisas com “[...] a mediação de uma significação determinada e variável, nem a relação entre consciência e objeto sem a mediação de múltiplos ‘aspectos subjetivos’” (MOURA, 1998, p. 209).

Para encerrar esta subseção, Chauí (2000, p. 273) relata que a contribuição da fenomenologia está na introdução à “[...] noção de essência como um conceito que permite diferenciar internamente uma realidade de outras, encontrando seu sentido, sua forma, suas propriedades e sua origem”.

Dessa feita, podemos dizer que por meio da abordagem fenomenológica, descrevemos a realidade dos sujeitos pesquisados, por meio dos sentidos dados por eles ao que vivem e percebem no mundo e do mundo, gerando uma forma de expressão, relacionadas às coisas. Sendo estas coisas, as respostas para elas mesmas, sem explicação por meio de outras, sem a necessidade de teorizar, opinar e criar hipóteses, pois nela (coisa) está a resposta. Sendo os sentidos humanos fundamentais para o processo de conhecimento fenomenológico. Precisamos observar e descreve rigorosamente o fenômeno tal qual ele se manifesta para a consciência humana. Encontramos na fenomenologia a possibilidade da investigação da experiência consciente do Ser, do seu mundo vivido. Da observação e percepção é que o fenômeno aparece para a descrição por meio do método fenomenológico. O exercício de explicar, calcular, entre outros meios, é aplicado a outros métodos que não o fenomenológico. Desta feita, não há explicações e sim descrições como representação do conteúdo do fenômeno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Merleau-Ponty vai buscar em Husserl a sua fenomenologia para desenvolver sua própria reflexão e escrever seus ensaios acerca desse movimento filosófico; ambos realizaram reflexões com a tentativa de descrição pela experiência humana, de fazer com que pudesse ser reencontrado o “[...] contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico [...]” (DUPOND, 2010, p. 33).

Os filósofos supracitados afirmavam que, ao olhar para o mundo e experimentar o que nele encontramos, sem antes mesmo de atribuir conhecimentos aos fatos vivenciados ou experimentados, realizamos aí o “retorno às coisas mesmas”, nisso consiste a ingenuidade do contato com o mundo.

Filósofos da fenomenologia dissertam acerca da ideia do retorno às “coisas mesmas” ou a um “plano da realidade” (DARTIGUES, 2005, p. 18). Esse exercício de voltar às “coisas mesmas” é um jogo da percepção que envolve a visada e o próprio perceber. Essa jogada da percepção se realiza quando deixamos o objeto se mostrar como ele é em toda a sua essência, como o fenômeno se apresenta em meu cotidiano de cada um (um jogo antes do conhecimento, da análise, da teoria e do conceito). Josgrilberg (2004, p. 34) ressalta que “Retornar às coisas mesmas significa retornar onde elas são vividas e onde elas cobram sentido para a vida e para a existência. Trata-se de não adotar cegamente conceitos, teorias, técnicas”.

Da realidade dos viventes no mundo é possível perceber “as coisas mesmas” que surgem diante deles, por meio da experiência e da vivência propriamente dita. Assim, “Investigar as coisas mesmas foi o ideal de Husserl em transformar a filosofia em ciência de rigor não pelo objeto, mas pelo modo de nos aproximarmos delas”, ou seja, é não tomar como verdade absoluta o que nos é dado como conhecimento construído sem deixar aparecer o que está oculto e precisa aparecer (JOSGRILBERG, 2004, p. 34).

Nesse movimento do vir ao mundo e mostrar-se, à fenomenologia cabe lidar com o problema dos aparecimentos; esse movimento filosófico em questão trabalha com os aparecimentos desde o início da filosofia, afirma Sokolowski (2012).

Em Merleau-Ponty a fenomenologia e os “aparecimentos” tratam da filosofia em que o objetivo está no estudo das essências, embora seja, também, uma filosofia que traz a essência para a existência da relação do homem com o mundo do qual ele faz parte com sua corporeidade. Esse relacionamento homem-mundo se dá de forma que “[...] o mundo

já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 2).

Merleau-Ponty (2011) filosofa acerca da questão dos “aparecimentos” na relação homem-corporificado e o contato com o mundo e as coisas dadas por esse mundo, que estão presentes e necessitam ser percebidas, como um reencontro em um contato ingênuo com este mundo e as coisas nele. Matthews (2010, p. 18, grifo do autor) notifica que no pensamento de Merleau-Ponty a fenomenologia está preocupada “[...] apenas em descrever o que é essencial à nossa percepção dos objetos – o que significa para nós ‘perceber’ um objeto”.

A descrição do que é percebido é um método; Josgrilberg (2004) desenvolve o raciocínio de que o método fenomenológico trouxe impacto para as ciências sociais, quando da sua aplicação para possibilitar a reflexão sobre as coisas e da fenomenologia como método para promover questionamentos. Segundo ele, “Para se perguntar o que é, é preciso de outra coisa que não a própria matemática, e isso vale para todas as ciências” (JOSGRILBERG, 2004, p. 37).

Os métodos de pesquisas são fundamentais para o encaminhamento e direcionamento do que se observa e se busca respostas. No entanto, é necessário que a ciência realize diversas abordagens sobre um objeto de estudo. Pode optar por um método que use as métricas, as revisões de literatura entre outras possibilidades metodológicas. Mas pode optar também pela análise metódica e profunda da fenomenologia, lembrando que para a aplicação do método fenomenológico é necessário que o pesquisador se dispa de certezas e esteja disposto a ver o mundo sob um novo olhar. Além disso, que esteja ciente de que a observação e descrição de um fenômeno demandam tempo, dedicação, comprometimento, intencionalidade, busca pelo sentido fundamental das coisas, valorização da percepção e da memória, e, acima de tudo, que o cotidiano é digno de exame apurado.

Ademais, temos na fenomenologia a possibilidade de obtenção de respostas provenientes das pessoas participantes sem a necessidade de prévia apresentação de teorias, conceitos ou qualquer outro tipo de conhecimento pronto, uma vez que para a fenomenologia a descrição da experiência humana e descrição dessa experimentação é

que traz à luz a representação do processo de experimentar para conhecer e dizer o que significa determinado fenômeno, o que implica aceitar o subjetivismo.

Destarte, a fenomenologia é apresentada como método válido a ser utilizado na CI para representar o entendimento individual e humano de como é possível perceber e compreender o mundo, estabelecer ligações entre a realidade pessoal e a realidade social, enfim, fugir dos métodos convencionais que prezam apenas a objetividade e esquecem de que o ser humano é passional e a parcialidade se manifesta desde a escolha do tema de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.

ALEXANDRE, Agripa Faria. **Metodologia científica e educação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

BORKO, H. Information, Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2011. (Série Thilhas).

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CESAR, Constança Marcondes. Intencionalidade e liberdade em Merleau-Ponty. In: CAMINHA, Iraquitã de Oliveira (Org.). **Merleau-Ponty em João Pessoa**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 16. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2006.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates, 69).

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FLUSSER, Vilém. **A fenomenologia do brasileiro**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: introdução à fenomenologia. Porto: RÉS, [19--].

JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In: POKLADEK, Danuta Dawidowicz (Org.). **A fenomenologia do cuidar**: práticas dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do pensamento moderno).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade. **Analytica**, v. 3, n. 1, 1998.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

VALVERDE, Monclar. Forma e instituição: experiência estética e sensibilidade histórica em Merleau-Ponty. In: VALVERDE, Monclar (Org.). **Merleau-Ponty em Salvador**. Salvador, BA: Arcádia, 2008.

Recebido em: 29 de outubro de 2018 Aceito em: 18 de dezembro de 2018
